UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS AGRESTE
NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO
CURSO DE DESIGN

IOLLAUS CÉSAR FERREIRA

# *SEX*: REVERBERAÇÕES DOS SENTIDOS DE UMA PUBLICAÇÃO FOTOGRÁFICA

Caruaru
2024

IOLLAUS CÉSAR FERREIRA

# SEX: REVERBERAÇÕES DOS SENTIDOS DE UMA PUBLICAÇÃO FOTOGRÁFICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Design do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Design.

**Área de concentração**: Ciências Humanas.

**Orientador (a):** Profa. Drª. Daniela Nery Bracchi

Caruaru

2024

Para meu pai e minha mãe, que acreditaram na minha capacidade de julgamento desde muito cedo e apoiaram meu desejo de cursar Design mesmo antes de entender sobre o que se tratava o curso. Eu sinto diariamente o desejo de vocês de me ver bem e feliz.

## AGRADECIMENTOS

Minha experiência na Universidade Federal foi tudo, menos o que eu imaginava. Entrei no curso de Design logo após me formar no ensino médio e fui, como um clássico adolescente, com uma ideia pronta de como tudo seria. Não preciso dizer que errei em quase todas minhas expectativas. Me interessei por áreas que não imaginava, não me encontrei em temáticas que sempre me interessaram e descobri que muito mais do que apenas uma instituição de ensino, na UFPE eu poderia me sentir parte de uma comunidade.

Diversas pessoas fizeram parte dessa jornada, tive o privilégio de contar com uma rede de apoio que desde o início acreditou muito no meu potencial. Fiz diversas amizades graças a UFPE e muitas dessas pessoas estão neste momento vibrando comigo com a conclusão dessa jornada.

Aos meus pais e irmã, que me apoiaram desde a escolha do curso até a conclusão dele, mesmo quando eu não via mais sentido em continuar.

Ao meu companheiro, que também conheci devido a Universidade e que me apoiou e me acompanhou em todos os momentos dessa graduação.

Aos meus amigos que, fazendo parte da área ou não, me escutaram em todos os momentos de animação, desânimo e insegurança.

A minha orientadora, Daniela Bracchi, eu não tenho domínio suficiente da língua portuguesa para colocar em palavras minha gratidão. Mesmo com toda minha indecisão, insegurança e sumiços, obrigado por acreditar nessa ideia, nesse texto e em mim.

Não foi uma jornada fácil. Me doei bastante, para logo em seguida sentir que não poderia doar mais nada de mim, mas graças ao apoio e dedicação de todos citados anteriormente, consegui reencontrar o desejo de concluir esse capítulo da minha vida.

# *Sex*: reverberações dos sentidos de uma publicação fotográfica

# Sex: reverberations of the senses of a photographic publication

**Iollaus César Ferreira**[1]

**RESUMO**

Neste artigo, são debatidas as relações imagéticas e narrativas de uma seleção de fotografias do livro *Sex*, publicado em 1992 ao lado do álbum *Erotica*, de Madonna. Através do ponto de vista semiótico, buscamos resgatar significações presentes em diferentes fotografias dessa obra como forma de identificar narrativas paralelas que existem em harmonia e compõem a história do alter ego de Madonna, a Dita. Compreendemos que uma análise mais detalhada de *Sex* é uma forma de reconhecimento da obra enquanto uma narrativa visual cujas potencialidades continuam a reverberar na contemporaneidade. Por isso, compomos e analisamos quatro quadros de imagens que exibem o arco narrativo da publicação, assim como se detém em aspectos temáticos específicos, como a autodescoberta de Dita, a presença dos elementos naturais e as ambiguidades de gênero que as fotografias de *Sex* mostram ao leitor.

**Palavras-chave:** análise semiótica; fotolivro; Madonna; narrativa visual; Sex.

**ABSTRACT**

In this article, we debate the imagery and narrative relationships of a selection of photographs from the book *Sex*, published in 1992 alongside Madonna's album *Erotica*. Through a semiotic point of view, we seek to rescue meanings present in different photographs of this work as a way of identifying parallel narratives that exist in harmony and make up the story of Madonna's alter ego, Dita. We understand that a more detailed analysis of *Sex* is a form of recognition of the work as a visual narrative whose potential continues to reverberate in contemporary times. Therefore, we composed and analyzed four frames of images that display the narrative arc of the publication, as well as focusing on specific thematic aspects, such as

[1] Graduando em Design pela Universidade Federal de Pernambuco, Campus do Agreste – UFPE (CAA) E- mail: iollaus@icloud.com

Dita's self-discovery, the presence of natural elements and the gender ambiguities that *Sex*'s photographs show to the reader.

**Keywords:** semiotic analysis; photobook; Madonna; visual narrative; Sex.

---

**DATA DE APROVAÇÃO:** 19 de FEVEREIRO de 2024.

## 1 INTRODUÇÃO

Em outubro de 1992, quando Madonna lançou a publicação *Sex* e o álbum *Erotica*, ela mais uma vez se mostrou, desde as primeiras páginas, uma artista não apenas consciente do momento social que estava inserida, como também à frente dele. Em um cenário onde a figura feminina era vista como objeto de desejo masculino e a AIDS era um tabu maior do que nos dias atuais, Madonna decidiu por meio de mais um trabalho seu construir um caminho de representatividade e conscientização. Baseado no que a cantora diz ser a representação de desejos e devaneios sexuais, e antes mesmo de nos apresentar aos mesmos, ela fala da importância do uso da camisinha. Mas para além da mensagem narrativa e social da publicação, esse artigo tem como objetivo analisar a narrativa visual apresentada nessa obra. O impacto do *Sex* não se fez apenas por sua rebeldia e vanguardismo, mas também por uma densa e complexa escolha visual que torna sua narrativa extremamente interessante e deixa claro que não são apenas imagens eróticas compiladas para acompanhar o seu disco como um material extra, mas um trabalho totalmente realizado e completo que pode existir e contar sua história de modo autônomo e de forma mais chocante que as próprias músicas do álbum.

Considerando esses pontos, o material de estudo deste artigo é a narrativa visual do *Sex,* e essa publicação será analisada com objetivo de iluminar uma nova visão pouco explorada da obra. Isso porque, apesar das imagens soltas terem sido suficientes para tornar o livro famoso e ser considerado polêmico, não é comum olhar o *Sex* como uma obra literária, ou seja, com o objetivo de contar uma história. Sendo muito mais frequente a análise da nudez excessiva nas imagens e pouco refletido as camadas narrativas apresentadas através da sequência das mesmas.

Quando montado no seu formato de publicação, enquanto fotolivro, Madonna provavelmente sabia que seria mais chocante trazer Dita (seu alter ego) para um formato visual concreto e impresso. Ao fazer isso, ela deixa mais que apenas o espaço para construção dessa

personagem no imaginário do leitor, mas também permite a possibilidade desse leitor ver um pouco de si em meios à essas imagens. É mais fácil falar dos seus desejos se você os atribui a um personagem fictício?

Apesar da sequência não implicar na existência de uma narrativa, a intenção fica clara ao passar de cada página. O preto e branco é sempre a ordem comum, enquanto as cores são as quebras, os destaques. Além da existência dos textos, que em alguns momentos aparecem ao lado dessas imagens e em outros se fundem a elas mostrando que tudo é um grande devaneio dessa personagem, a Dita. O fotolivro permite esse tipo de formatação e a equipe técnica que estava por trás desse trabalho (nomes como Steven Meisel, Fabien Baron e Glenn O'Brien) sabia disso.

O legado do *Sex* é duradouro. Com pouco mais de 30 anos ele continua intocado em termos do quão longe uma artista pop tem coragem de ir para ilustrar suas ideias, mas também não cansa de se provar como pioneiro e ato libertador para muitas que vieram após Madonna. Ainda considerando seu tempo de vida, o *Sex* continua no papel de idealização, frequentemente referenciado, mas até o momento não replicado. A rede de influência dele é grande o suficiente para se tornar difícil de mensurar e quaisquer menções seriam apenas uma fragmentação do quadro total. Superando sua temática, o *Sex* também pode ser considerado um precursor do que hoje chamamos de álbum visual, se levarmos para a interpretação que as fotos foram a forma escolhida para tornar visual as histórias também contadas nas músicas do *Erotica*.

Considerando esses aspectos, o artigo aqui presente propõe-se a fazer uma análise qualitativa de natureza crítica-dialética a fim de compreender a narrativa visual por trás do Sex. Essa análise usa como base estudos de Gemma Penn apresentados no capítulo *Análise Semiótica de Imagens Paradas,* presente no livro *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som*. Penn nos apresenta um método de análise que inicia na escolha das imagens, ponderando que tal ação deve considerar a disponibilidade do material, o objetivo da análise e quão profunda ou extensa ela poderá ser (PENN, 2007).

Após a escolha do material de análise, inicia-se o processo de identificação dos principais elementos da imagem. Esta é uma etapa que deve ser minuciosa, na qual deve-se listar todos os elementos e não apenas os que reafirmam a linha de análise escolhida. Esse também é conhecido como estágio denotativo da análise.

Já a terceira etapa desse método parte do inventário denotativo para analisar as imagens de forma conotativa. O objetivo dessa etapa é tanto tentar entender a relação desses elementos entre si, como também buscar as significações subconscientes, uma vez que estabelece as

possíveis relações temporais e sociais presentes nas imagens. Busca-se, portanto, levantar quais sensações e sentimentos são despertados no espectador dessas imagens. É com base nessa metodologia e nessas três etapas que vamos analisar uma amostragem do livro *Sex*, divididos por figuras que apresentam quadros de imagens com o objetivo de iluminarmos diferentes temáticas paralelas apresentadas no decorrer da narrativa. A escolha das imagens a serem consideradas se deu a partir da identificação de um arco narrativo na publicação, que nos leva a observar em profundidade os momentos mais significativos para a construção do sentido da publicação.

## 1.2 Contexto da obra

A década de 1990 foi uma década de crescente representação da sexualidade na cultura pop, em especial na música e no cinema. Outros artistas além da Madonna contribuíram para a temática nessa década, como Janet Jackson (em trabalhos como *Janet*) e Prince (nos álbuns *Diamonds and Pearls* e *Cream)*. No cinema podemos citar como exemplos de representação da temática em filmes como *Wild Things* e *Showgirls*.

Como debate Samantha Costa de Sousa em seu artigo *Erotismo e Sexualidade: A (Des)construção do Feminino ao Longo de Um Século*, o século XX traz as pessoas cada vez mais para o convívio social, mais especificamente para as ruas. Essa nova dinâmica acentua não só a exposição física, mas mais especificamente a exposição do corpo e esse novo cenário de frequente evolução da participação da mulher enquanto figura sexual ativa parece chegar a seu ápice no fim do século XX com publicações como *Contos d'escárnio: textos grotescos* da Hilda Hilst. (SOUZA, 2015). Porém, apesar desse cenário de evolução da figura feminina e temas sexuais, o que o *Sex* se propõe a fazer, apenas dois anos após a publicação da Hilda Hilst, parece ser um passo maior em comparação à evolução social da época e as críticas severas que o trabalho recebeu confirmam essa afirmação.

O *Erotica* inicia em seus primeiros segundos com uma apresentação, Madonna quer que o ouvinte conheça seu alter ego e quer deixar claro que tudo a ser mostrado nas próximas faixas - e páginas - vão ser pelo ponto de vista da Dita. A mensagem é clara, se trata de um convite. Ela nos quer colocar em um transe, talvez essa fosse a forma mais segura de passar pelo álbum de cerca de 1 hora e 15 minutos.

Penso muito no contexto social do ano de 1992, ano que o álbum foi lançado, quando uso o termo seguro. Ainda na sombra do auge da pandemia da AIDS, o *Erotica* serviu como

escapismo também para os ouvintes, um local onde o sexo pode ser debatido de forma livre e segura, sem os riscos, incertezas e julgamentos da época.

Outra visão a ser considerada, para entender a época, é que apesar de ser uma temática que estava sendo debatida em diferentes frentes da cultura pop, o *Erotica* e o *Sex*, tiveram uma recepção mista não apenas pela parcela mais conservadora da sociedade, mas também por parte do movimento feminista da época que considerou que o trabalho contribuiu para a objetificação e hipersexualização da imagem feminina.

Vale ressaltar que essas não foram as primeiras, nem as últimas, críticas que Madonna recebeu por parte de representantes do feminismo. A relação de antagonismo entre o movimento feminista e significações sexuais que Madonna trazia para sua carreira e trabalhos foi melhor debatida e analisada por Camille Paglia em seu livro de ensaios *Sex, Art, and American culture: Essays*, no qual a mesma explora parte das críticas que Madonna recebe. Além disso, a autora defende que Madonna, com seu posicionamento confortável mediante a sexualidade feminina e o nível de influência entre as jovens, melhor representava o futuro do feminismo (PAGLIA, 1992).

Porém, outra parte desse mesmo movimento entendeu que o trabalho também foi importante para a quebra de tabus e contribuiu nas temáticas de empoderamento feminino, uma vez que coloca em foco o desejo feminino.

Anos após seu lançamento, o álbum continua sendo analisado e o coro de pessoas que entendeu a mudança social que o álbum representou cresce, como vemos na análise de Joe Lynch em sua matéria em comemoração aos 25 anos do álbum em 2017: “Madonna pode ter abordado o olhar masculino anteriormente, mas no *Erotica*, ela não está apenas encarando de volta - ela está tornando o mundo seu submisso” (LYNCH, 2017, s.p., tradução nossa).

Do ponto de vista comercial, a era do *Erotica*, apesar de muito exitosa, teve um desempenho abaixo do esperado, conseguindo a segunda colocação no *Chart Hot200* da revista Billboard. Um desempenho abaixo da primeira colocação de Madonna nos seus álbuns anteriores, que, apesar de sempre provocativos, não tinham ido tão a fundo na temática sexual. Porém, considerando os aspectos sociais da época e uma recepção mista de diferentes camadas sociais, a Madonna com um somatório que incluía uma carreira já estabelecida, um trabalho alavancado por polêmicas e curiosidade da grande massa, consegue números como vendas estimadas em 6 milhões de cópias. O lançamento desse álbum foi promovido pelo lançamento

do livro *Sex*, um dia após o lançamento do álbum, e também o lançamento de 6 singles, sendo eles: *Erotica, Deeper and Deeper, Bad Girl, Fever, Rain e Bye Bye Baby.*

Sobre o *Sex*, é interessante saber que ele foi criado no mesmo período do *Erotica*, e não um produto extra ou secundário do álbum. Em alguns pontos, o *Sex* foi responsável por uma completa transformação no *Erotica*, inspirando novas letras e mudando a forma como Madonna iria seguir a narrativa dessas músicas a partir desse momento, assim como Shep Pettibone (compositor e produtor do álbum) comenta em seu *Erotica Diaries*:

> Mas a essa altura eu tinha visto o livro e me veio uma ideia interessante. "Você tem todas essas ótimas histórias no livro", eu disse a ela, "Por que não as usa na música?" Eu sabia que Madonna estava desenvolvendo uma dominatrix da década de 1930, mas eu não tinha percebido quão longe ela estava disposta a ir até eu ver o Sex. Contendo história da sua misteriosa alter ego, Dita. Madonna pegou o livro e saiu da sala e não voltou por cerca de meia hora. De repente ela estava no microfone, falando em uma voz bastante seca. "My Name is Dita," ela disse, "and I'll be your mistress tonight". Eu sabia que o Erotica original não seria mais o mesmo, e não foi. O refrão e a ponte foram alterados completamente, e toda psíquica da música se tornou mais sexy, mais direta. É como se Dita tivesse trazido à tona o melhor nela, servindo como veículo para o território perigoso que ela estava viajando. Na verdade, esse era o mesmo nome que Madonna usava quando ela ficava em hotéis ao redor do mundo. Não mais. (PETTIBONE, 2021, s.p., tradução nossa)

Apesar de toda controvérsia em volta do lançamento do livro que envolvia o debate do uso de imagens explícitas e até mesmo o banimento em países como o Japão, o livro foi considerado um sucesso comercial, tendo vendido 150.000 cópias no seu dia de estreia apenas nos Estados e esgotando sua tiragem inicial de 1,5 milhões de cópias em três dias ao redor do mundo. Também entrou na lista de *Best Sellers* do New York Times e posteriormente ganhou o título de livro de mesa mais vendido de todos os tempos.

## 1.3 O Fotolivro *Sex* e seus Elementos Visuais

Apesar de sempre ser importante entender o período histórico de surgimento de uma obra analisada, é possível imaginar o *Sex* sendo lançado nos dias atuais e ainda gerando uma gigantesca repercussão e alto volume de críticas. É inegavelmente um trabalho vanguardista que respinga referências até os dias atuais. Sobre as especificações técnicas do *Sex*, ele tem o tamanho de 29,85 x 35,56 cm, conta com 124 páginas e aproximadamente 104 imagens (incluindo fotografia e artes tipográficas). O cuidado em relação ao *Sex* enquanto artefato é percebido não só em seu conteúdo interno, como também na sua capa e embalagem.

Figura 1 - Embalagem do *Sex*

Fonte: Site Today In Madonna History.[2]

Embalado em uma folha de mylar refletiva, o que podemos considerar um material pouco convencional para a embalagem de um livro, e com uma versão estendida da fotografia de capa do álbum *Erotica* impressa, no primeiro contato conseguimos entender que não só a Madonna estava disposta a doar o seu rosto para a temática retratada, como é possível atestar a correlação entre ambos os trabalhos (*Erotica* e *Sex*).

A fotografia impressa traz o rosto da Madonna (ou Dita) um pouco de lado, com os olhos fechados e boca aberta. O cabelo está amarrado, alto e claro. Toda a imagem é impressa em duotone de preto e azul e com poucos contrastes, trazendo a atenção da imagem para a boca e os olhos, ou seja, para a expressão facial dela. A maquiagem é simples, para reforçar as áreas de destaque. O olho está maquiado com sombra no côncavo e delineador. Nos lábios, o batom não é escuro, mas não é possível identificar a cor real devido ao método de impressão. Considerando os títulos do material e sendo reforçado pelas imagens que iremos analisar, a feição dela apresenta uma sensação de prazer, o que é bastante condizente com a narrativa que vai ser apresentada no decorrer da obra. De modo geral, a imagem é muito mais sobre contornos, o que torna ela também uma imagem misteriosa.

A embalagem traz um presságio do livro, dentro dela está presente um projeto gráfico denso e altamente artístico que combina tipografia, textos, imagens, efeitos e diversos truques visuais para compor a narrativa.

A maioria dos textos presentes no *Sex* são curtos, sem uma linearidade óbvia e

[2] Disponível em: <https://todayinmadonnahistory.com/tag/the-sex-book/>. Acesso em: 05 jan. 2024

incrementando com letras das músicas do *Erotica* e outros textos como diálogos, frases de efeitos e mais. Já as imagens constituem a majoritariedade dessa narrativa, sendo trabalhadas de diversas formas.

Para um melhor aproveitamento e aprofundamento do texto deste artigo, vamos focar nas fotografias, deixando para futuros trabalhos a possibilidade de se aprofundar nas também ricas peças tipográficas e colagens desse livro.

## 1.4 Capa e Contracapa

Seguindo as escolhas pouco convencionais, a capa e a contracapa são de alumínio e possuem gravação em baixo relevo. Na capa encontra-se marcado o título *Sex*. Na contracapa, existe a gravação da logo do projeto na cor dourada (O livro quase foi chamado de *X*) e uma sequência numérica na base. Ambos os itens unindo o recheio do livro com uma simples encadernação espiral -que é provavelmente o elemento mais corriqueiro de todo conjunto dessa obra.

Figura 2 - Capa e Contracapa do *Sex*

Fonte: Adaptado de *Sex*, 1992.

Em contrapartida a todos os elementos posteriores que serão apresentados, a capa soa minimalista, misteriosa e de certa forma dá um ar de segurança. Seria essa uma das formas que Madonna encontrou para informar que no mundo do *Sex*, é seguro falar sobre desejos e fetiches?

De modo geral, a capa e contracapa do *Sex* parecem ser um dos elementos mais difíceis de compreender da obra, por fugir do óbvio, e sendo assim, difícil de acreditar que essa não foi

uma escolha bastante pensada. Colocando nos dias de hoje, quão seria repercutido se Lady Gaga, ou qualquer outra cantora pop que espelhou sua carreira na de Madonna, decidisse lançar um livro onde se encontra parcialmente ou completamente nua em quase todas páginas do recheio desta publicação? Quantos grupos sociais iriam concordar, discordar, se ofender ou criticar a decisão? Quantas pessoas falariam que a mesma estava desesperada por atenção? Quantos líderes religiosos se pronunciaram demonizando o ato? Em quantos países essa obra seria censurada? Pensar todos esses pontos nos leva apenas a começar a imaginar o nível da polêmica que essa publicação causou. O *Sex* foi publicado a mais de 30 anos atrás e esse detalhe potencializa muito o nível de espetáculo que foi gerado ao redor dele. A internet não era acessível, as pessoas que queriam xingar ela, tinha que fazer na cara dela, e fizeram. Madonna foi assediada em inúmeras premiações, aparições públicas e até mesmo entrevistas. Todas as 'filhas da Dita' que nascerem nessas décadas posteriores foram uma versão mais contida. Mesmo na era do OnlyFans [3]é difícil imaginar que uma Diva pop com a mesma magnitude que Madonna tinha na década de 1990 (se é que temos alguma atualmente), teria a coragem de repetir o ato.

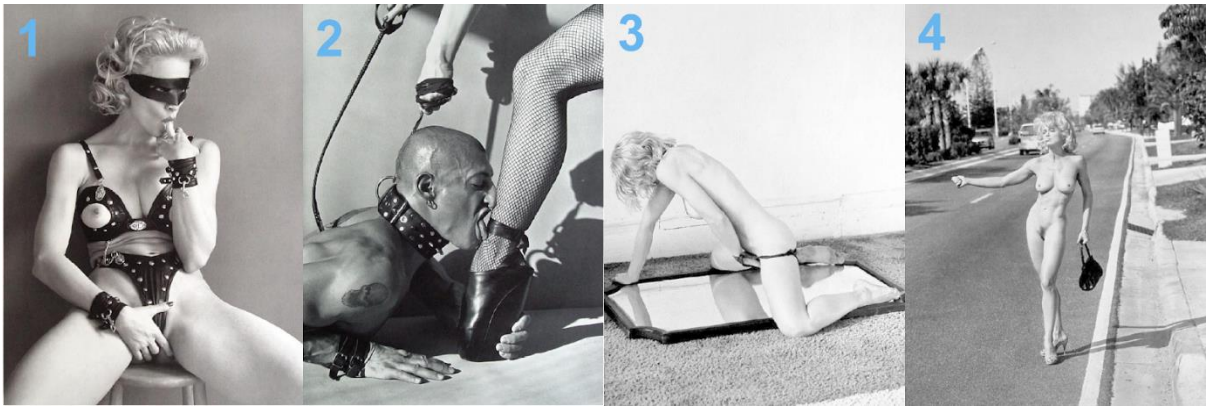
Citar todos esses detalhes vai nos ajudar a entender não apenas a capa e a contracapa, mas também as próximas imagens a serem analisadas. Todas as imagens e textos do *Sex* foram considerados chocantes para boa parte do público da década de 1990 e parece oportuno escolher uma capa em um material que emite significações de força e resistência. Parece que uma capa comum não seria o suficiente para guardar os segredos da Dita.

## 1.5 Arco Narrativo - Uma jornada de autodescoberta

O fetichismo teve um papel muito importante para a viralização do *Sex* e do *Erotica* no momento dos seus lançamentos. E analisar essas imagens soltas da forma que a maior parte do público fez só contribui para essa visão - não errada, mas simplista - da história. Buscando um maior aprofundamento, observamos quatro momentos importantes na narrativa do *Sex*, ilustrados na figura abaixo (figura 3).

Figura 3 - Seleção de imagens do *Sex* que apresentam o arco de autodescoberta da Dita

[3] Rede social criada para comercialização de postagens como vídeos ou textos. A ideia principal da rede é a disponibilização de conteúdo exclusivo para assinantes. Pela característica de acesso restrito a assinantes, a rede ficou popular pela publicação de conteúdo adulto.




Fonte: Adaptado de Sex, 1992.

A imagem 1 está na página 7 da publicação, a imagem 2 está na página 31, a imagem 3 está na página 77, enquanto a imagem 4 está na página 115. Esses são quatro momentos de destaque na evolução da narrativa que parte de uma visão de fetiche, submissão, domínio, autodescoberta e liberdade. A Dita representada na quarta imagem passou por um processo de transformação e autodescoberta que a transformou do papel fetichizado da primeira imagem. Essa Dita que provou dos seus mais diversos desejos, mas que no meio do processo se encontrou fascinada por si própria, conclui sua história de volta às ruas, de volta ao urbano e à sociedade. A quarta imagem, vista no momento certo, parece ser muito mais sobre ela estar no local que quer do jeito que quer. Essa imagem no final da narrativa do *Sex* e do *Erotica* parece também ser sobre liberdade.

Como modo de aprofundar a análise, podemos nos deter melhor em cada uma das quatro imagens presentes na figura 3. Começando na imagem 1, ela é uma fotografia em preto em branco da Dita, que se encontra sozinha nessa foto. A imagem se apresenta relativamente próxima, apresentando o corpo dela da coxa para cima sentada em um banco redondo com as pernas abertas. Ela usa o cabelo consideravelmente curto, claro e modelado, em um penteado próximo ao que vimos tantas vezes na Marilyn Monroe. Como vestuário nessa imagem, a Dita usa peças de couro preto com spikes e correntes: uma máscara, uma calcinha, um sutiã e duas pulseiras (uma em cada braço). Seu sutiã é vazado na região do mamilo, deixando seu peito exposto. A Dita chupa o dedo médio da mão esquerda enquanto segura sua região genital com a mão direita.

As peças de couro preta selecionadas foram escolhidas para abertura do primeiro arco narrativo que é muito focado no sadomasoquismo; A pose relaxada e os gestos feitos com ambas as mãos apresentam uma predisposição, ou até mesmo antecipação para o que vem a

acontecer. O fato da Dita também ser a primeira personagem a aparecer na narrativa, em especial sozinha nessa fotografia, entrega seu protagonismo logo nesse primeiro momento.

Seguindo a análise para a imagem 2, ela é mais uma fotografia em preto e branco, dessa vez com duas pessoas sendo representadas, ambas não aparecem em corpo inteiro. A imagem representa a perna esquerda da Dita em uma sapatilha de ponta com salto, meia arrastão e um chicote na mão direita, enquanto segura com a mão esquerda uma coleira que se encontra no pescoço da figura masculina dessa imagem. O segundo personagem da fotografia se encontra deitado no chão. No enquadramento da imagem cabe a parte superior do seu corpo e - da metade das costas para cima - ele se encontra de perfil, com o lado direito do seu corpo para a imagem. Este personagem é careca, utiliza uma pulseira de couro no braço esquerdo, dois brincos de argola pequenos e uma tatuagem de caveira na parte superior do braço direito. Ele performa uma ação, e lambe a perna da Dita.

Essa imagem funciona como um demarcador importante na narrativa; Enquanto nas primeiras imagens a Dita aparece enquanto submissa, essa segunda imagem selecionada é uma das primeiras que a coloca no papel de dominadora. Nesta fotografia vemos a figura masculina no nível do seu pé, o que por si só já a coloca num papel de superioridade. Fora isso, outros demarcadores do seu controle nessa cena seriam o chicote e a coleira. Para ressaltar ainda mais a submissão do personagem masculino da imagem, ele é representado lambendo a perna da Dita.

Opondo-se ao início da narrativa que parece ser muito criado para uma performance, a Dita se encontra nesta terceira imagem livre de toda montação presente no início da narrativa. Despida de peças de couro e acessórios fetichistas, ela está em um ambiente claro, com os cabelos soltos, claros e curtos, vestindo apenas uma calcinha. O chão é de carpete e nele está deitado um espelho, por cima dele se encontra Dita de joelhos. Sua figura está inclinada para observar o seu reflexo, com o braço direito apoiado no chão e com a mão esquerda simulando (ou representando) uma masturbação.

Voltando para uma imagem solitária, Dita continua com suas aventuras sexuais, mas agora o foco é conhecer a si mesma. Considero que o fato mais interessante dessa imagem é Dita não estar simplesmente se masturbando, mas fazendo isso por cima de um espelho, em uma posição onde é possível que ela tenha uma visão completa de si durante o ato.

Outro marcador importante é a inexistência de peças de couro. O sadomasoquismo parece ter sido superado nesse momento da narrativa, deixando de lado a correlação entre dor e prazer e substituindo o mesmo por autoconhecimento e prazer.

Já na última imagem da figura 3, a cena é novamente representada em preto e branco. Dita se encontra de corpo inteiro, nua, de salto, com um cigarro na boca, uma bolsa na mão esquerda e fazendo um gesto para pedir carona com a mão direita. O ambiente é diurno e aberto e ela se encontra numa via asfaltada. No plano de fundo da imagem é possível ver carros, o que significa que se trata de uma via movimentada. Sua pose parece estar relaxada, seu cabelo continua claro, curto e em um penteado que parece ser um meio termo entre as imagens 1 e 3 analisadas anteriormente.

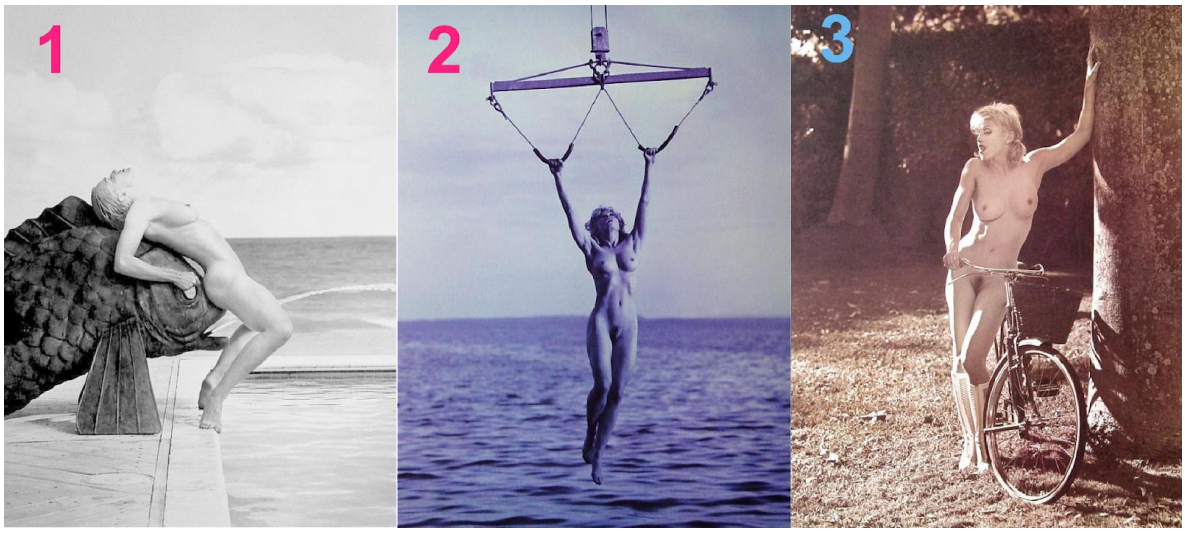
Todas as imagens anteriores da narrativa parecem caminhar exatamente para esse momento, que é a demarcação do resultado de todas essas histórias anteriormente contadas. Enquanto essas aventuras representadas nas páginas anteriores se passavam, ou em ambientes que aparentavam ser isolados e distantes do social ou na companhia exclusiva de pessoas que compartilharam desses desejos com ela -, agora, nessa imagem, ela se põe nua e livre em meio à sociedade, em ambientes mais comuns e não parece envergonhada com isso, ao contrário, parece livre e confiante. Também demonstra uma contraposição entre o natural e o construído culturalmente.

*Sex* parece flertar com diversas narrativas paralelas, mas as quatro imagens separadas parecem representar os quatro importantes momentos narrativos. A Dita inicia sua história completamente imersa no sadomasoquismo, mais especificamente no papel de submissa. Essa submissão se repete em diversas imagens na primeira parte da narrativa, mas é quebrada com a primeira mudança de arco narrativo. Dita agora se apresenta no papel de dominadora e protagoniza em diversas imagens o controle das ações, não a vemos mais amarrada. É perto da terceira imagem também que vemos uma nova mudança narrativa, superando as iluminações mais escuras e ambientes fechados, Dita começa a analisar seu próprio corpo. Em diversas imagens inclusive faz isso só, mas não em todas. As peças de couro e adereços de sadomasoquismo também foram superadas, eles retornam à narrativa apenas simbolicamente na última imagem do livro. Já a quarta imagem é a apoteose do *Sex*, é a Dita nua no meio da rua pedindo carona. Apesar de termos imagens em ambientes abertos da Dita anteriormente no livro, ela apenas aparecia só ou com outras pessoas que estavam fazendo parte dessa história. Agora, após a autodescoberta alcançada através de suas experiências anteriores, Dita segue sua história sem amarras sociais e/ou literais.

## 1.6 Os elementos naturais e sua ligação com a autodescoberta da Dita

A evolução da narrativa utiliza elementos do cenário para carregar suas significações. Em um momento da história, sua relação com o sexo se torna mais voltada para si, para se explorar e se descobrir. As cenas capturadas pelas imagens se tornam, com mais frequência, imagens dela sozinha, completamente nua e rodeada de elementos naturais como ar, água e terra. Essa aproximação com a natureza no processo de autodescoberta e autoanálise são representadas nas três imagens dessa figura abaixo (figura 4). A imagem 1 está na página 69, a imagem 2 está na página 84 e a imagem 3 está na página 90.

Figura 4 - Imagens do *Sex* nas quais Dita em ambientes naturais




Fonte: Adaptado de *Sex*, 1992.

A imagem 1 é uma fotografia preto e branca, com a Dita centralizada na imagem. Ela se encontra na beira de uma piscina, escorada de costas sobre um chafariz em formato de peixe. Posiciona-se nesse chafariz de uma forma que parece que a água lançada por ele está na verdade saindo dela. Na imagem Dita está completamente nua, novamente com os cabelos claros, mas dessa vez molhados.

Essa imagem é apresentada na sequência de uma peça gráfica com os dizeres: “My pussy has nine lives” e as imagens que seguem essa peça exploram uma perspectiva de autodescobrimento. A Dita, nessas imagens, muitas vezes se coloca frente a espelhos, mas também se insere em cenários naturais. A imagem 1 inicia um momento muito importante para a narrativa do *Sex*, apresentando uma Dita muito mais próxima de si própria, e dessa forma, também próxima da natureza.

Seguindo para a imagem 2 da figura 4, vemos Dita centralizada na fotografia, suspensa pelos braços acima do mar, completamente nua. No fundo da imagem só é possível ver o céu. Essa fotografia está com um filtro monocromático azul. Dita tem os cabelos claros, curtos e olha para as alças do guindaste, as quais ela segura.

Apesar de ser uma imagem relativamente próxima, a expansão dos elementos como o céu e o mar, fazem com que o cenário se torne muito maior no momento que vemos a imagem. Estar solta no meio desses elementos também reforça a proximidade desse momento narrativo com a água e com elementos naturais diversos. Nesse momento da narrativa, Dita parece estar completamente envolvida no natural durante seu processo de autodescoberta. Porém sua expressão e a posição escolhida expressam a ideia de que nem sempre esse processo vai ser confortável ou seguro.

Já a terceira imagem da figura 4 traz Dita em um cenário de grama e árvores. O filtro da fotografia é um monocromático amarelo muito próximo a um sépia. Dita se encontra em primeiro plano, sem utilizar nenhuma roupa, mas com uma sandália gladiadora que parece ser branca. Ela está próxima do tronco de uma árvore, tocada com a mão esquerda. Nesse momento, seu cabelo está preso em duas partes e o rosto está de perfil, mas seu olho está mirando a câmera. Ela também está com a língua exposta nessa fotografia.

A imagem 3 do *Sex* utiliza de uma monocromia diferente da maior parte do livro, que é composto majoritariamente em tons azuis. A oposição entre o tom quente desta fotografia e o contexto maior do livro que é de tons frios cria uma contraposição visual deste momento da narrativa com as imagens anteriores apresentadas nesse arco narrativo. Isso se dá não no sentido de desmentir o que está sendo contado anteriormente, mas na perspectiva de trazer um cenário diferente dos anteriores.

Neste ponto da narrativa, Dita continua muito próxima a natureza, mas dessa vez longe da água e próxima à terra. O foco nos troncos e sua aparência que sugere infantilidade, sugerem a possibilidade de uma análise também do seu passado. O contexto maior para essa interpretação é o de que a volta à infância no contexto da descoberta sexual é representada também anteriormente na narrativa através de outras fotos e textos.

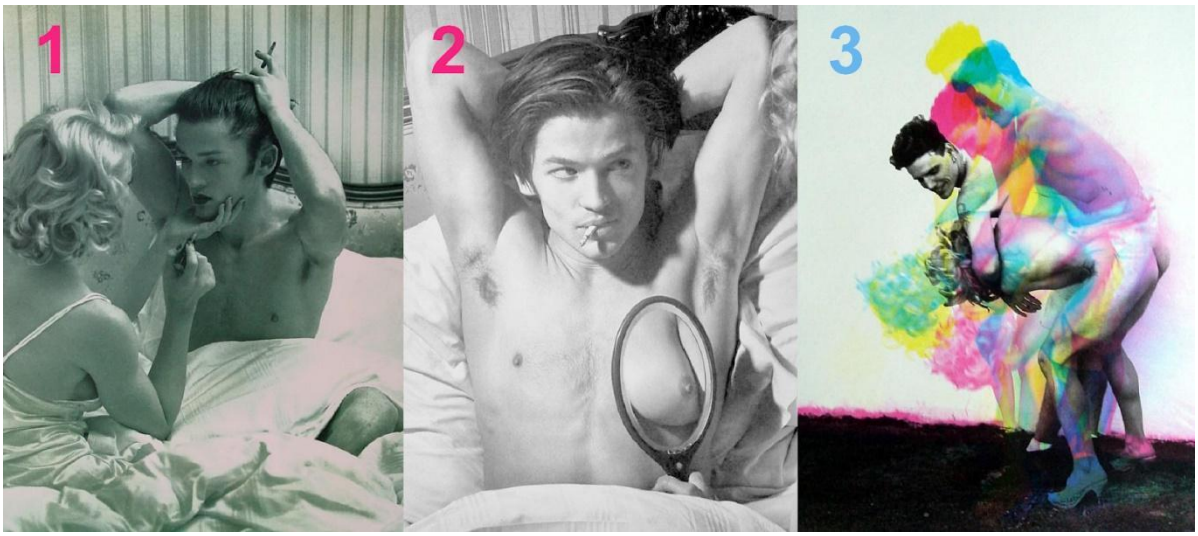
O arco narrativo apresentado na figura 4 reforça e se aprofunda no ponto narrativo da terceira imagem da figura 3. Todas as imagens apresentadas nesta figura 3, e também as que ficaram de fora da análise, carregam uma proximidade com a natureza, que aparece nas figuras da água, praia, árvores, mas também através do reflexo. Dita parece reconhecer que sua

imagem, e de certa forma a sua humanidade, também fazem parte da natureza. Analisar através dessa ótica nos faz refletir sobre um processo de naturalização dos desejos sexuais. Afinal, eles também fazem parte da natureza, assim como o ar, a água e a terra.

## 1.7 A fusão entre o masculino e feminino

A dinâmica de sexualidade e gênero é mais um dos temas das narrativas paralelas adicionadas ao *Sex*. Vale ressaltar que esta publicação foi uma das responsáveis pela popularização do termo pansexualidade, sendo este o um dos primeiros descritores evocados quando a narrativa da Dita no *Sex* vai ser apresentada. Três momentos importantes da narrativa do *Sex* que flertam com a ideia de uma não-binariedade são representados nas fotografias da figura abaixo (figura 5). A imagem 1 está na página 44, a imagem 2 está na página 80 e a imagem 3 está na página 101.

Figura 5 - Seleção de imagens do *Sex* que dialogam com o tema do gênero




Fonte: Adaptado de Sex, 1992.

As fotografias mostram diferentes momentos nos quais o tema do gênero é trazido à tona de maneira mais específica. Para uma melhor identificação dos personagens dessas cenas, iremos utilizar uma caracterização binária, também como forma de acentuar os contrastes de gênero dessas imagens.

A imagem 1 é uma fotografia em monocromia verde que apresenta Dita e seu companheiro de cena sentados numa cama de lençóis brancos. Dita está de costas para a lente, segurando o rosto desse outro personagem com a mão esquerda, enquanto passa o batom nele com a mão direita. Ele segura o próprio cabelo com ambas as mãos e possui um cigarro em sua mão esquerda. Dita usa uma camisola branca e seu cabelo curto e claro modelados em um penteado que se aproxima a uma escova com pontas enroladas. O outro personagem da cena não parece estar vestindo nenhuma roupa, mas se encontra coberto, expondo apenas a parte superior do corpo.

O foco dessa imagem está no ato da Dita passar batom no personagem masculino da fotografia. Esse ato de quebra de um padrão de gênero inicia mais uma narrativa paralela na história do *Sex*. A primeira imagem em específico aparece entre as imagens 2 e 3 da figura na qual comentamos o arco narrativo (figura 3) que analisamos anteriormente neste artigo. Sendo assim, podemos entender que se trata de uma passagem da narrativa que se interconecta com o tema da autodescoberta. A forma que a ação é representada parece reforçar esses dois momentos da narrativa também. Dita aparece como protagonista da ação, enquanto suas mãos controlam o quadro a ser trabalhado (o rosto) e tomam posse do objeto transformador (o batom). A imagem parece demonstrar um momento de reflexão, uma vez que a captura é após o batom já ter sido aplicado e ambos os personagens parecem estar confortáveis nesse momento.

Na imagem 2 nos é apresentado uma fotografia em preto e branco que traz o personagem masculino em evidência. Ele está centralizado na imagem e sentado na cama, com um cigarro na boca e os braços cruzados acima da cabeça, expondo seu peitoral. A imagem novamente deixa exposta apenas a parte superior do seu corpo. Um espelho é segurado frente a seu peito esquerdo. No reflexo desse espelho é possível ver o peito da Dita que aparece levemente no canto direito da imagem através de fios de cabelo claros.

A segunda imagem aparece algumas páginas depois da primeira imagem. Porém, é possível perceber que ambas parecem ter sido tiradas no mesmo momento. O ambiente e os personagens são os mesmos. Dessa vez, ele não aparece com o batom aplicado, mas continua com o cigarro presente na imagem 1. O processo de reflexão aplicado no corpo desse personagem que anteriormente se fez pela aplicação do batom, agora é apresentado com a projeção de um reflexo frente ao mesmo. Dita mais uma vez parece ser a figura ativa da ação aqui representada e agora o processo parece ser de visualização do feminino no masculino. Essa imagem 2 em específico aparece logo no início da terceira etapa do arco narrativo, no momento em que Dita começa a olhar muito para si. Nesse contexto, a ação dessa imagem também parece

ser uma tentativa de visualizar a si mesma em outro corpo. Porém a perspectiva dela fazer isso em um corpo dito como masculino, parece reforçar a ideia de uma fusão de gênero que vai ser mais explicitamente apresentada na próxima imagem.

Já a imagem 3 apresenta novamente Dita acompanhada de outro personagem masculino. Em uma imagem majoritariamente com filtro preto e branco, mas com a silhueta de ambos se repetindo em diferentes cores (amarelo, ciano e magenta) e posições. Ambos estão envolvidos em algum tipo de brincadeira ou luta onde seus corpos, juntos ao efeito de repetição, parecem se unir. Um deles usa salto alto e outro usa um sapato social preto e meia branca. Porém, devido a sobreposição da silhueta deles, é difícil identificar qual dos dois está usando cada uma dessas peças.

Enquanto as imagens anteriores desta figura 5 apresentam como característica a monocromia, a terceira imagem utiliza da pluralidade de cores para apresentação de uma nova visão entre os corpos/gêneros. A multiplicação de silhuetas em diferentes posições, todas sobrepostas, traz uma fusão desses corpos que nos faz, enquanto espectadores, questionar quais dos personagens usa o salto alto e qual sapato social, quem está segurando quem. A forma apresentada nos faz entender que esses não são detalhes importantes, a fotografia é caótica de forma proposital. Esses corpos devem ser vistos como um só e, dessa forma, em frequente processo de mudança.

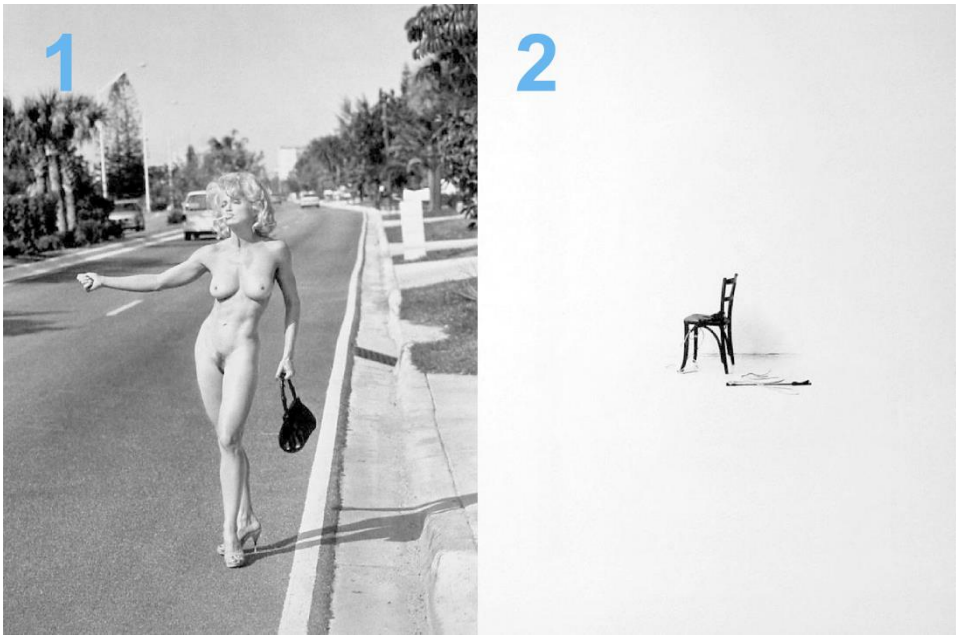
Voltando à temática da pansexualidade citada no início deste tópico, a Dita, enquanto personagem pansexual, não considera o gênero do seu parceiro ou parceira como fator determinante para desenvolvimento de um interesse sexual. Adicionar ao *Sex* uma narrativa que brinca com a quebra de padrões de gênero, uma reflexão entre essas diferenças e uma representação visual de uma não-binariedade são atos que parecem colaborar com a narrativa principal da obra, uma vez que seria muito difícil falar de sexo sem falar de gênero.

## 1.8 O fim das aventuras da Dita

Assim como foi debatido anteriormente no início da análise das imagens de *Sex,* o final da narrativa visual mostra uma mudança de comportamento por parte da Dita. O contraste com a apresentação inicial é claro, apesar de manter elementos em comum. Como representante de uma análise mais aprofundada da conclusão da narrativa do *Sex*, duas fotografias em especial parecem confirmar todo processo evolutivo da narrativa. Ambas as imagens representam tanto

Dita em sua nova forma, como também o abandono dessas aventuras sexuais que foram ilustradas. A imagem 1 está na página 115 e a imagem 2 está na página 120.

Figura 6 - Seleção de imagens do *Sex* que apresentam o fim da narrativa




Fonte: Adaptado de Sex, 1992.

A imagem 1 já foi anteriormente analisada de forma denotativa e conotativa. Sendo assim, nesse momento do texto, vamos analisar a mesma em conjunto com a imagem 2 desta figura 6. Já a imagem 2 é uma fotografia preto e branca de uma cadeira de madeira em um ambiente totalmente branco. O móvel encontra-se centralizado na imagem, não muito próximo e posicionado de lado. Em cima da cadeira é possível ver peças de couro e no chão, perto da cadeira, um chicote. Não existe a presença da Dita nessa imagem e esta é a última fotografia do *Sex*.

Anteriormente, ao analisar a imagem 1 nesse texto, falamos sobre a representação de uma superação do fetichismo e do sadomasoquismo por parte da Dita. A adição da imagem 2 no contexto dessa análise reforça essa ideia. Os objetos jogados na cena passam uma ideia de abandono e superação, mas também de encerramento. É importante lembrar que essa narrativa inicia com Dita sentada e utilizando peças de couro, mas no papel de submissa. Já durante a evolução da narrativa, ela conquista o chicote e vemos a mesma no papel de dominadora. Para,

em seguida, iniciar um processo de autodescoberta que é concluído na representação da Dita livre da imagem 1 da figura 6, ideia essa que é reforçada na junção dessas fotografias.

Os mesmos elementos são colocados no início e no final da narrativa, mas com diferenças bastante importantes: Dita segue sendo vista parcialmente ou completamente nua, mas não mais com adornos que remetem ao sadomasoquismo. Adornos esses que podemos ver abandonados na imagem 2, mas sem a presença da Dita. A mensagem final é clara: as aventuras da Dita representadas nesse compilado fotográfico criaram uma mudança permanente na personagem. Tal mudança a leva de volta ao convívio social, enquanto deixa outros elementos guardados nas páginas do *Sex*.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para fazer justiça aos trabalhos posteriores que foram inspirados pelo *Erotica* e por *Sex* seria necessário outro -e provavelmente mais de um- artigo. Até os dias atuais é comum encontrar reverberações da Dita na cultura pop. Apesar de não ser objetivo deste texto compilar uma seleção de trabalhos que foram inspirados no *Sex*, podemos citar as cantoras Duda Beat, Miley Cyrus e Slayyyter. Três personalidades que, apesar de fazerem parte da indústria musical, não parecem coexistir no mesmo universo de referências. Mas seus trabalhos mais recentes, no ano de 2023, exibem diversas similaridades e referências à Dita.

Apesar de não estar isento de críticas e debates em relação a temas e discursos que não envelheceram tão bem quanto suas fotografias, o *Sex* foi um trabalho muito rico. Não só em elementos visuais, mas também enquanto personificação de um conceito. Alguns dos outros elementos visuais presentes na publicação restam a ser analisados em trabalhos futuros que irão comprovar também a complexidade e riqueza das bordas, das artes tipográficas e das colagens presentes no *Sex*.

O impacto da obra é tamanho que ela acaba frequentemente retornando a um papel de referência sempre que são discutidos temas de empoderamento feminino, liberdade e autodescoberta sexual. Por isso, a análise semiótica de diferentes momentos dessa narrativa se mostrou oportuna como forma de transcender as significações superficiais que as imagens do *Sex* conquistaram nessas décadas de existência, quando foram exibidas fora do contexto narrativo a qual foram idealizadas. Através dessa análise, foi possível reconhecer a intencionalidade aplicada por trás da escolha dessas imagens, sendo possível identificar não só

uma narrativa principal, mas diversas narrativas paralelas que contribuem para a história como um todo. Também esperamos que a análise aqui presente tenha apresentado de forma justa o *Sex* para aqueles que não o conheciam, além de convidar aos que já conheciam a analisar essas imagens por meio de novos olhares.

## REFERÊNCIAS

LYNCH, Joe. Madonna's 'Erotica' Turns 25: An Oral History of the Most Controversial '90s Pop Album. **Billboard**, 2017. Disponível em: <https://www.billboard.com/music/pop/madonna-erotica-album-sex-book-oral-history-8006663/>. Acesso em: 22 mar. 2023.

MADONNA. **Sex**. 1ª ed. Nova Iorque: Warner Books, 1992.

PAGLIA, Camille. **Sex, Art, and American Culture: Essays**. 1. ed. Nova Iorque: Vintage Books, 1992.

PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto Imagem e Som**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PETTIBONE, Shep. Erotica Diaries. **Shep Pettibone**, s.d. Disponível em: <https://www.sheppettibone.com/erotica-diaries/>. Acesso em: 20 fev. 2023.

SOUZA**,** Samantha da Costa de. Erotismo e Sexualidade: A (Des)construção do Feminino ao longo de um Século. **Revista Escrita**, 2015. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25036/25036.PDF>. Acesso em: 22 mar. 2023.

IOLLAUS CÉSAR FERREIRA

# SEX: REVERBERAÇÕES DOS SENTIDOS DE UMA PUBLICAÇÃO FOTOGRÁFICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Design do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Design.

Aprovado em: 19/02/2024

**BANCA EXAMINADORA**

_____

Profª. Drª. Daniela Nery Bracchi (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

_____

Prof. Dr. Diego Gouveia Moreira (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

_____

Profª. Drª. Juliana Andrade Leitão (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco